


 Eliana Kuster

## Paterson: um homem, uma cidade, um filme

**P**aterson é um homem da cidade. De uma cidade chamada Paterson. Ele dirige um ônibus pelas ruas e avenidas. Ele escreve poesia em um pequeno caderno. Sua vida segue uma rotina bem estabelecida, a qual o filme de Jim Jarmusch nos apresenta: ele acorda, sempre por volta das seis e quinze, e beija sua namorada. Vai a pé até a garagem de onde parte o ônibus que ele guia durante todo o dia. Depois do trabalho, vai a um parque da cidade ver uma queda-d'água. Volta pra casa e janta com a sua namorada. À noite, sai para passear com o cachorro e entra em um pub para tomar um copo de cerveja, onde encontra sempre as mesmas pessoas. No outro dia, tudo começa novamente.

As rotinas de Paterson – o homem – e de Paterson – a cidade – se cruzam e se repetem, mas, embora possam parecer iguais, dia após dia, os acontecimentos apresentam sempre pequenas mudanças, tanto para o personagem

quanto para o espaço citadino. Jarmusch faz um filme sobre um homem em um intenso diálogo com a cidade e o cotidiano urbano e, ao assistirmos às cenas que se sucedem na tela, é inevitável pensarmos no nosso próprio cotidiano, entretecido com o das nossas cidades. Naquilo que permanece igual todo dia e no que se modifica. Nas repetições que estruturam nossas horas e dão sentido às nossas vidas. Se às vezes reclamamos da rotina, quando somos lançados para fora dela – seja por grandes tragédias, seja por pequenos acontecimentos – é porque entendemos a importância que ela tem para nossas vidas e em nossa constituição subjetiva.

A cidade que vemos através dos olhos de Paterson usa suas superfícies como espelhos. E se reflete, incen-

*Não acho que precisamos de arte na natureza. A natureza já é perfeita sem nós. Precisamos de arte nas cidades. Precisamos de arte nas cidades onde os seres humanos não têm tempo. Nas cidades poluídas. Nas cidades com muito barulho.*

- Espaço Além: Marina Abramovi e o Brasil.

### Eliana Kuster

é professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). Arquiteta-urbanista, com mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e doutorado em Planejamento Urbano no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

elianakuster@gmail.com



santemente, nas janelas do ônibus, nos retrovisores dos automóveis, nas vitrines e poças d'água. Cada superfície devolve ao nosso olhar um pedacinho do espaço urbano e de seus elementos: prédios, pontos de ônibus, pessoas, automóveis. Até os moradores parecem se refletir nos diversos gêmeos que cruzam o caminho do personagem diariamente. Detalhes dos quais se faz uma cidade. Todos compoem um balé urbano do qual somos dançarinos e espectadores, tal como Paterson, que se alimenta dessas cenas para produzir lirismo. Porque Paterson é, além de um ser urbano, um poeta. Sua poesia vem da observação de coisas simples: uma das mais marcantes é feita tomando como inspiração uma caixa de fósforos. É do banal, aparentemente previsível e repetitivo (poderíamos pensar em algo mais banal e repetitivo do que uma caixinha quadrada cheia de pequenos palitos iguais?) que se constroem seus poemas. Paterson é um observador da cidade, de

pessoas e de objetos. O roteirista e diretor do filme afirmou, em uma recente entrevista: “Fiquei um mês na cidade fazendo a preparação do filme. Viajei muito de ônibus, porque sabia que teria de filmar o exterior do ponto de vista de Adam [Adam Driver, o ator que interpreta Paterson] sentado na direção do ônibus, ou seja, acima de todo o mundo nas calçadas e no interior dos carros. O sujeito fica um degrau acima, num limbo. Não havia pensado nisso, mas o local me ajudou a entender o que era intuição. Como um motorista vira poeta” (Jarmusch, 2017).

E o motorista que vira poeta o faz contemplando pequenas coisas: fragmentos de conversas dos passageiros do ônibus, a queda-d'água no parque, os pequenos dramas que acontecem no bar que frequenta à noite, as pessoas que encontra na cidade. Ele faz esses breves momentos urbanos repercutirem em seu interior e encontrarem expressão em seus poemas. Assim como vemos a cidade por seus reflexos, vemos

### Ficha técnica do filme:

Gênero: Drama

Direção: Jim Jarmusch

Roteiro: Jim Jarmusch

Elenco: Adam Driver, Barry Shabaka Henley, Golshifteh Farahani, Helen-Jean Arthur, Jared Gilman, Kara Hayward, Luis da Silva Jr., Masatoshi Nagase, Method Man, Owen Aszталos, Rizwan Manji, Sterling Jerins, William Jackson Harper

Produção: Carter Logan, Joshua Astrachan

Fotografia: Frederick Elmes

Montador: Ellen Lewis, Meghan Rafferty

Duração: 113 min.

Ano: 2016

País: Estados Unidos / França

Cor: Colorido

Estreia: 20/04/2017 (Brasil)

Estúdio: Amazon Studios / Animal Kingdom

/ K5 Film

Classificação: 14 anos

o cotidiano através do trabalho de manufatura refletido no que Paterson escreve. O resultado pode parecer simples, assim como a vida urbana pode parecer repetitiva, mas ambas revelam suas singularidades a um olhar atento. O roteiro do filme brinca com essa ideia, mostrando que o oposto também pode se revelar verdadeiro: aquilo que parece sempre se modificar, como as preferências e os desejos da namorada do personagem, a um olhar mais profundo, se mostram como repetição de padrões, com os quais ela cobre incessantemente em preto e branco as cortinas, as paredes, os cupcakes e qualquer superfície disponível. Algumas coisas só vemos bem se olhamos a partir de outra perspectiva, o cineasta parece apontar.

Assistir a um filme como esse não é tarefa fácil, nem tampouco escrever sobre ele. Porque é um filme que nos confronta com o grandioso e o minúsculo que está contido em cada um de nós, seres humanos e urbanos, que levamos nossas vidinhas de formiga nesse enorme organismo citadino que nos engole. Paterson é um filme enganosamente simples, assim como a poesia do personagem, assim como as cidades e as pessoas que nelas habitam. Por trás de sua aparente simplicidade, há uma sofisticação que necessita um olhar atento e uma desaceleração dos ritmos habituais. Seja na cidade, seja no cinema, há momentos nos quais precisamos abrir mão da construção perceptiva com a qual estamos acostumados e deixar que o ritmo seja ditado pelo que observamos naquele momento. Só assim conseguiremos ver que, se a vida de um poeta é a eterna contemplação do banal, a orquestração da vida cotidiana em uma cidade faz, da banalidade das nossas vidas, material para a poesia que ela despeja, todos os dias, em suas ruas e avenidas.



#### Entrevista de Jarmusch no site:

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,jim-jarmusch-o-diretor-mais-cool-de-hollywood-lanca-o-filme-paterson-com-adam-driver,70001744992>  
Acessado em 21 de maio de 2017. ■

